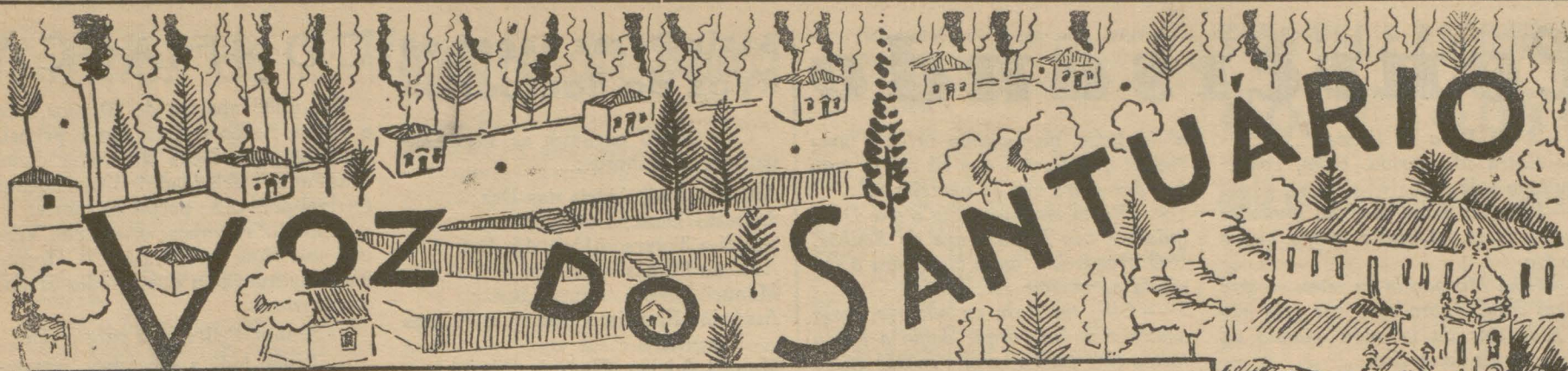




ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

Propriedade da
Irmandade de Nossa Senhora das Preces
Telefone 192 de Galizes

Director e Editor
P.º Mário Oliveira de Brito

Redacção e Administração
Aldeia das Dez — Oliveira do Hospital
Comp. e Imp.: «Gráfica de Coimbra»
Bairro de S. José, 2 — Coimbra — Telef. 2857

Boas Festas

A TODOS OS NOSSOS PREZADOS ASSINANTES E SUAS FAMILIAS DESEJAMOS AS MAIORES PROSPERIDADES E UM NOVO ANO CHEIO DAS MELHORES BÊNÇÃOS DE DEUS.

Por motivo de doença

não nos foi possível publicar a «Voz do Santuário» no mês de Dezembro. Pedimos aos nossos estimados assinantes muita desculpa.

Alguns assinantes ao saberem da nossa doença, escreveram-nos desejando rápidas melhoras. A todos os nossos agradecimentos.

Anuais dos Irmãos

Avisam-se todos os irmãos da Irmandade de Nossa Senhora das Preces de que está em cobrança o anual referente ao ano findo.

Digo-o à mãe

Foi em Agosto de 1926 na peregrinação nacional de França ao Santuário de Lourdes. Entre os doentes encontrava-se um rapaz. Tão mal estava que se esperava a sua morte dum momento para o outro. Por isso deram-lhe os últimos Sacramentos antes de o levarem para a gruta.

Na bênção dos doentes, quando o Cardeal tinha a Sagrada Custódia por cima da sua cabeça, o moribundo dizia baixinho: «Jesus, filho de Maria, dai-me saúde».

Jesus passou e parece que não ouviu aquela oração. Então o rapazito levantou-se a custo na maca e, com a força de que era capaz, exclamou: «Jesus, não me curastes. Vou dizê-lo à vossa mãe». E caiu no travesseiro quase desfalecido. Comovido com a confiança do petiz o Cardeal voltou-se, aproximou-se do moribundo e deu-lhe segunda vez a bênção. Jesus comoveu-se também. De repente o pequeno sentiu-se curado. Erguendo-se na sua cama de doente exclamou cheio de alegria: «Jesus, filho de Maria, curastes-me. Vou dizê-lo à vossa mãe para que ela me ajude a agradecer-vos».

Não havia lugar na estalagem

Quando Jesus quis vir ao mundo para salvar os homens bateu às portas de Belém à procura de um abrigo. Todas as casas estavam cheias e não encontrou uma casa que lhe abrisse as portas, nem um coração que lhe dispensasse um pouco de carinho. Teve de nascer numa pequena gruta, fora de Belém, sem um leito macio e quente onde reclinar a cabeça e tendo apenas por companhia uns pobres animais.

Isto mesmo repete-se através dos tempos. Os homens teimam em não querer reconhecer o seu Salvador, ape-



nas para poderem viver ao sabor dos seus instintos, satisfazendo as suas paixões e ambições. Não é que o não conheçam, simplesmente o não querem adorar para o não servirem.

Os seus corações estão de tal modo cheios das coisas do mundo, que neles não há lugar para Jesus.

Sempre e em todos o que impede o reconhecimento de Jesus é o triplice inimigo que tiraniza o coração do homem: o demónio, o mundo e a carne gerando nele o orgulho e o amor desordenado dos prazeres e dos bens terrenos.

Afinal também eles, os que não querem Deus, têm os seus deuses: uns servem e adoram a carne com os seus prazeres; outros servem o seu estômago, a barriga é o seu deus; outros vivem numa tortura constante na ânsia de amontoar riquezas e bens terrenos: para estes o dinheiro é o seu deus.

É evidente que estes sentem a conveniência de proclamar que Deus não existe, pois de facto já vivem como se Ele não existisse.

Naquele tempo, não havia lugar na estalagem; hoje não há lugar nos corações.

OBRAS NO SANTUÁRIO

Depois de alguns anos de espera, de demarches e de trabalho chegou finalmente a hora de alargarmos o recinto do Santuário, construindo o Parque de estacionamento para automóveis.

É uma obra que vai ficar em alguns milhares de escudos, mas que muito embelezará o Santuário.

É construído nos terrenos que ficam de trás das capelinhas, onde aqui há uns anos existia uma mata de eucaliptos.

Para se chegar a estes pontos ninguém dirá os passos que demos e as canseiras que tivemos.

Era necessário adquirir aquele terreno, não só para o fim em vista, mas mesmo para desafogar as capelas, pois que os eucaliptos estavam a uns duzentos metros de distância delas.

Como o terreno não seria vendido tinha-se de ir para uma troca de terrenos. Para fazer face a esta troca tivemos de adquirir um terreno baldio que fica junto do Santuário e da dita mata, o qual foi cedido gratuitamente pela Câmara Municipal, sendo Presidente o Ex.º Sr. Dr. Agostinho Vaz Pato, grande amigo do Santuário.

Seja-nos permitido registar aqui o nosso sincero reconhecimento a todas as pessoas e Entidades Oficiais, junto das quais encontramos sempre a melhor boa vontade.

Ao Ex.º Sr. Dr. Agostinho Vaz Pato, proprietário do dito terreno; aos Serviços Florestais que foram consultados sobre a cedência do terreno baldio e deram parecer favorável; ao Ministério do Interior que também foi consultado; e à Câmara Municipal de Oliveira do Hospital à qual presidia o Sr. Dr. Agostinho Vaz Pato.

Uma vez adquirido o terreno era preciso dinheiro para as obras e o dinheiro, pouco a pouco, tem vindo.

As esmolas que os devotos de Nossa Senhora depositam nos cofres, são religiosamente recebidas, rigorosamente guardadas e tanto quanto possível poupadas.

Evidentemente que só com os nossos poucos recursos não poderemos fazer obra grande, e completa de momento.

Mas pouco a pouco iremos trabalhando, se a tanto nos ajudar o engenho e a arte e se a Nossa Senhora nos ajudar da sua parte.

Nesta fé e nesta esperança vamos vivendo e o Santuário da Senhora das Preces alarga-se e alinda-se.

Conversando

— A tia Rosa dá licença?...
— Entra Margarida. Olha, conheci-te logo pela fala.
— Sabe tia Rosa, já tinha saudades suas, pois já há muito tempo que a não via.
— Olha Margarida eu estou sempre cá em casa. Agora com este frio não se pode sair da varanda quando dá sol, ou então da lareira.
— Pois tia Rosa, eu hoje venho pedir-lhe umas «janeirinhas» como estamos nas festas do Ano Novo e dos Reis não podia deixar de a vir visitar.
— Está bem, mas olha que as janeiras só se dão a quem canta e tu ainda não abriste o bico.
— Lá por isso não haja questão:

Ora viva a tia Rosa,
Raminho de amendoeira.
Ainda anda neste mundo
Já no céu tem a cadeira.

— Quem dera que fosse verdade, Margarida. É certo que no céu todos temos um lugar, o que é preciso é merecê-lo.

— Olha tia Rosa, o Menino Jesus veio-nos abrir o céu, todo o mundo, nestes dias, exulta de alegria, o céu e a terra, os homens e os anjos.

— Ó Margarida, tu não ouves? Parece que são homens a cantar...

— É um grupo de rapazes que anda a tirar as «janeiras» e olhe que a tia Rosa não escapa. Olhe, eles aí vêm.

Ora viva a tia Rosa,
Raminho de bemquerer.
Se a sua pipa tem vinho,
Venha-nos dar de beber.

— Eh! rapazes lá por isso... é litro a mais litro a menos. Mas tenham cuidado, que o vinho não seja tanto... que andem por aí de canto em canto.

— Que Nosso Senhor deixe viver

CURIOSIDADES

O Sol dista de nós cerca de 150 milhões de quilómetros. Se fosse possível lá chegar, viajando num avião com a velocidade de mil quilómetros à hora, gastar-se-ia cerca de dezassete anos; a luz, que percorre 300.000 quilómetros por segundo, gasta à volta de oito minutos para chegar até nós; o som, que percorre 340 metros por segundo, levaria quinze anos para impressionar os nossos ouvidos.

O volume do Sol é quase um milhão e trezentas mil vezes maior que o da telefonia. O diâmetro do Sol anda à volta de cento e nove vezes o da terra. Precisariamos de cento e nove terras alinhadas para obtermos o comprimento e trezentos e noventa mil quilómetros.

No que diz respeito à Terra, um comboio com a velocidade média de cem quilómetros à hora gastaria cerca de 5 dias e um quarto a percorrer um túnel, que atravessasse a terra, passando pelo centro. Um comboio, que seguisse pela superfície da terra com a mesma velocidade, gastaria um pouco mais de oito dias de uma à outra boca do túnel.

O volume da Lua é cerca de cinquenta vezes mais pequeno que o da terra, de modo que, para enchermos o espaço ocupado pelo nosso planeta, seriam precisas quase cinquenta Luas. O diâmetro da Lua é pouco maior que a quarta parte do diâmetro da Terra.

a tia Rosa, que mesmo velha é uma rosa e que para o ano cá esteja para nos dar outra vez as «janeiras».

— Olhem meninos, seja o que Deus quiser e vão lá na graça do Senhor.

Ó Margarida, anda aqui para a varanda aproveitar este solzinho.

— Olhe tia Rosa eu não me posso demorar muito porque daqui a pouco toca o sino para o terço e eu não quero faltar.

— Fazes muito bem, eu só tenho pena do meu «romatismo» não me deixar ir.

— Sabe tia Rosa há por aí muita gente que podiam ir, mas ficam ao soalheiro a falar da vida alheia.

— Olha Margarida, o terço é a oração de Nossa Senhora e quem não gosta do terço não gosta de Nossa Senhora. Toda a gente devia ir aos domingos à igreja ao terço e todas as famílias deviam todos os dias à noite rezar em família. Já os nossos pais assim faziam Margarida, e eram mais ajudados por Deus. Depois da ceia rezavam-se as «graças» e o terço. Hoje muita gente não quer saber, mas vê o que por aí vai de educação...

— Se a tia Rosa me dá licença, eu vou indo, porque são horas. Desejo-lhe um Novo Ano feliz e muitos anos de vida.

— Muito obrigada Margarida, que o Menino Jesus te faça sempre boa, te dê sempre boa sorte e sobretudo as suas graças. Olha dá lá visitas à tua mãe e aos teus e, quando quiseres, aparece, pois que a tua companhia me dá muito prazer.

— Muito obrigada, tia Rosa e até quando Deus quiser.

Aposta das três Ave-Marias

O Rev.º P.º Prouvost, redentorista, estava a pregar. Do alto do púlpito disse: Eu aposto que vos convertereis se me prometerdes rezar esta noite antes de deitar três Ave-Marias a Nossa Senhora com o desejo de voltar a Deus. Um grande pecador aceitou a aposta. Foi para casa e rezou as três Ave-Marias. De repente sentiu-se mudado. E repetiu a Ave-Maria até à meia noite. Na manhã seguinte quer sair para o trabalho, mas parece que uma força o impede. Ah! São as Ave-Marias — diz ele. E reza-as outra vez. O efeito é admirável. Não pode resistir mais ao pensamento de se confessar. Vai a toda a pressa falar com o P.º Prouvost. Encontra-o a confessar rodeado de muita gente. Não é capaz de esperar pela sua vez. Rompe a fila e cai de joelhos aos pés do missionário.

— Senhor Padre, diz ele em voz alta, eu sou um convertido de Nossa Senhora.

— Homem, fale um pouco mais baixo, segreda-lhe o confessor.

Terminada a confissão pede: Senhor Padre, faça o favor de dizer ao povo que sou um convertido de Nossa Senhora porque aceitei a aposta que ontem nos propôs.

— Meu amigo, isso está-me proibido pelo sigilo da confissão.

— Ah! sim? pois bem. Eu encarrego-me de o fazer.

Saindo do confessionário disse para toda a gente que estava na igreja:

— Saibam todos que sou um convertido de Nossa Senhora porque aceitei a aposta das três Ave-Marias.

Assinaturas pagas da «Voz do Santuário»

Com 10\$00 pagaram as suas assinaturas os senhores:

António José, Aldeia das Dez;
Augusto Diniz, Covilhã;
Serafim Torres, Aldeia das Dez;
António Damásio, Lisboa;
Manuel Pereira, Santa Ovaia;
António Francisco Marques, Casas Figueiras;
Manuel Adrião, Cimo da Ribeira;
Rosalina Mendes Pinheiro, Chão Sobral;
Lucília de Sousa, Aldeia das Dez;
Rui Manuel Lopes Morgado, Arganil;
D. Maria Laura F. Pinto Bastos, Tondela;
António Dias, Chão Sobral;
José Agostinho, Gramaça;
Eduardo dos Santos, Relva Velha;
Menina Maria dos Anjos Neves, Relvas da Teixeira;
José Francisco Nunes, Teixeira;
António Dias, Meãs;
D. Generosa da Conceição, Alvoco das Várzeas;
Higino da Silva Moura, Alvoco das Várzeas;
Arsénio Carlos Pereira, Aldeia das Dez;
Teresa de Jesus Mendes, Avô;
José Marques Neto, S. Vicente da Beira;
José Gonçalves Milheiro, Póvoa da Atalaia;
José Diogo, S. Vicente da Beira;
Francisco Rodrigues da Costa, Rapada;
António Marques Neto, Malange.

Com 15\$00 pagaram as senhoras:

D. Ermelinda Abranches Marques, Lisboa;
D. Maria da Conceição Duarte, Vale de Maceira;
Agostinho Lopes Monteiro, Midões.

Com 20\$00 pagaram os senhores:

Cassiano Fernandes Mendes, Covilhã;
José Moura, América do Norte;
D. Inácia Teresa Teles Madeira Diniz, Lagares da Beira;
João Lourenço Mendes, Vila Franca de Xira;
Manuel Castanheira, Aldeia das Dez;
Joaquim Nunes Leitão, Lisboa;
Rosária Mendes, Argentina;
Manuel Dias, Argentina;
Emídio Barreto, São Paulo, Brasil;
José Dias, Lisboa.

Com 100\$00 pagou o senhor João Gonçalves Matoso, residente no Rio de Janeiro.

Para todos os nossos agradecimentos.

CONFIANÇA

Era uma rapariga de 20 anos, rica e bonita. Sentia-se feliz com o primeiro filho, que Deus lhe tinha dado. Mas, que infelicidade! Uma doença terrível pôe-na às portas da morte.

A infeliz reconhece o seu mal. Vem um sacerdote prepará-la. A doente disse-lhe num tom que a todos arrancou lágrimas:

— Senhor Padre, vou para o céu.

— Tenho toda a esperança, respondeu o padre.

— Pois eu tenho a certeza, voltou a doente.

— E em que se funda essa certeza?

— Num conselho que V. Rev.ª me deu no dia da primeira Comunhão: que rezasse todos os dias uma Ave-Maria. Nunca a deixei. Há quatro anos comecei a rezar o terço sem ter falhado um só dia. É nisto que se funda a certeza que tenho de ir para o céu.

— Tem razão. Nossa Senhora é tão boa.

— É um pensamento que não me larga desde que adoeci. Pedi a Nossa Senhora 50 vezes ao dia que rogue por mim na hora da minha morte. Ela é tão boa. Parece-me impossível que não me assista neste momento e não me leve para o céu.

Dias depois morreu cheia de paz e de confiança em Nossa Senhora.

MISSAS DA SENHORA DAS PRECES

Para ajuda das missas que são celebradas na Senhora das Preces aos domingos e dias Santos de preceito recebemos as seguintes esmolas:

<i>Vale de Maceira</i>	
D. Maria da Conceição Duarte	10\$00
D. Maria da Encarnação.....	20\$00
José Dias Álvaro	20\$00
Manuel Lopes	10\$00
António Dias	20\$00
Joaquim Gonçalves	20\$00
Luciano Álvaro Mendes	10\$00
Felicidade de Jesus	10\$00
António José	15\$00
Maria Cândida	10\$00
Germana de Jesus Dias.....	10\$00
António Dias Mendes	10\$00
<i>Chão Sobral</i>	
Serafim Moreira	10\$00
José Lourenço da Paula	10\$00
José Alexandre	10\$00
<i>Goulinho</i>	
Cipriano dos Santos	12\$00
<i>Gramaca</i>	
Rita Marques	5\$00
António Dias dos Santos.....	6\$00

ANEDOTAS

Um carreiro conduz num carro dez porcos: encontra no caminho um sujeito, que lhe diz:

— Homem, vou morto de cansaço, deixe-me ir um bocado no seu carro!

— Como há-de ser isso? Não vê que levo dez porcos, e não há espaço para mais nada?

— Ora, deixe lá! Onde cabem dez, também hão-de caber onze!

—//—

Um ébrio tenta abrir a porta com o charuto. Passa um polícia e observa:

— Ó seu bêbedo! então você quer abrir a porta com o charuto?

— Bonito, volve o outro, titubeando e apalpando-se, querem ver que fumei a chave?...

—//—

Professor — Diga-me uma palavra que tenha lh.

— Garrafa.

— Bruto! Onde tem o lh garrafa?

— Na rolha.

Notícias de S. Vicente da Beira

No dia 28 de Outubro faleceu, e foi aqui sepultado no dia seguinte, o sr. José Varanda, viúvo, do povo de Pereiros — anexa desta freguesia — onde era pessoa muito estimada. Tinha 94 anos, e deixou uma numerosíssima prole, entre a qual se contam 23 bisnetos.

A toda a família em luto e em especial ao nosso amigo sr. Joaquim Varanda, e aos netos do falecido srs. José Martins Lino e José dos Reis Varanda, estimados assinantes da «Voz do Santuário», aqui lhe enviamos, por intermédio da «Voz», o nosso cartão de pêsames.

Em 7 de Outubro teve aqui lugar o encerramento da Santa Missão que, como era de esperar, foi de grande aproveitamento para as almas. Houve uma grande concorrência à Sagrada Mesa da Comunhão; e, foi com muito aprazimento que vimos ali o nosso Amigo 1.º Sargento Calvão, assinante também da «Voz do Santuário» e digno Secretário da Liga dos Amigos desta freguesia, com aquele seu apuro de sempre, a comungar, e, sem respeito humanos.

São assim todos os bons filhos de S. Vicente.

Outro caso que nos fez emocionar, foi quando se abeirou da Sagrada Mesa a receber o Corpo do Senhor — ou Ele não fosse o Pão dos Anjos! — a Menina Maria José Gama Roque, com os seus cinco anos de idade, e, tão bem instruída na santa doutrina, que fez a sua confissão e recebeu a Sagrada Eucaristia, dando assim um grande exemplo a tantas outras de mais idade.

São dignos de parabéns, além dos Pais, seu Avô — o velho assinante e amigo da «Voz», sr. Bonifácio dos Reis Gama e a pessoa ou pessoas que ensinaram a doutrina à pequena Maria José.

Lavra aqui ainda grande consternação pelos estragos causados, dia 6, com o pavoroso tufão que passou pela nossa querida cidade de Castelo Branco, havendo a lamentar a perda de algumas vidas e os enormes prejuízos causados nos haveres de muitos dos seus moradores.

Foi um horror, que os jornais já descreveram circunstanciadamente.

Esta desolação traz-nos à mente estas sentidas cogitações:

Como é de temer a fúria dos elementos e como são insondáveis os desígnios de Deus e o Seu infinito poder!

Nada somos, nada temos e nada é nosso sem o favor da Divina Providência.

E é bem verdade!

Para que nem tudo seja só «vil tristeza» foi com o maior júbilo que aqui tivemos a visita de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Bispo Senhor D. João de Deus Ramalho, um dos maiores, senão o maior, dos mais ilustres Vicentinos de todos os tempos, a quem o Povo com o seu Presidente da Junta, outras entidades e com a Filarmónica local, prestaram uma significativa manifestação de homenagem e apreço — a que S. Ex.^a Rev.^{ma}, na sua encantadora modéstia, se não pôde esquivar — acompanhando-o desde a Igreja até à sua residência, onde se ouviram vivas a S. Ex.^a Rev.^m, à glória de S. Vicente, à Santa Igreja Católica e ao nosso Rev.^o Pároco.

S. Ex.^a Rev.^{ma} agradeceu, por fim, muito visivelmente sensibilizado, a ma-

nifestação de carinho que os seus conterrâneos lhe dispensaram.

Foram uns momentos de grande satisfação para todos os filhos de S. Vicente que a este acto assistiram.

S. Ex.^a Rev.^{ma} saiu depois daqui, no dia 15, com destino a Lisboa.

Tivemos também o prazer de ver aqui, em S. Vicente, os estimados assinantes da «Voz do Santuário», srs. José Gonçalves Milheiro (que nos confiou a importância da sua assinatura da «Voz», para um novo ano), António Leitão, de Póvoa da Atalaia, João Gonçalves Beato, de Escalos de Baixo, e os queridos Vicentinos sr. Elias Rodrigues Marques e o sr. João Faustino Gonçalves, residentes em Lisboa, sócios, também, muito estimados, da Liga dos Amigos desta freguesia.

Vão por aqui quase findas as sementeiras do centeio e do trigo, sendo de lamentar que os amigos lavradores não dêem ouvidos aos conselhos e aos ensinamentos dos mestres sobre a adubação mais conveniente à produção destes cereais.

Não, meus queridos amigos: A adubação só com superfosfato simples, já mais em anos seguidos, não basta.

Sem, pelo menos, os três elementos essenciais — azote, ácido fosfórico e a potassa — as adubações são deficientes e as produções são más.

Há por aqui quem, ainda este ano, em terreno magro e de olival, colheu, com a adubação preconizada, doze sementes o que já não é muito para desprezar.

Sigamos pois o dilema de produzir mais e melhor, para nosso proveito próprio e para o da grei.

Casa da Cerca, 20-XI-1954.

O dia da Imaculada Conceição de Nossa Senhora foi aqui também celebrado, envolvendo conjuntamente o encerramento do Santo Ano Mariano.

Quem assistirá ao próximo futuro encerramento?

Outros que não nós porque o termo do nosso exílio deve estar para muito breve.

Houve muitas comunhões, e, a seguir à Santa Missa, foi feita a consagração das mães católicas desta freguesia à Virgem Mãe lida pela Ex.^{ma} Senhora D. Maria de Lourdes Roque Lino, que muito comoveu além das outras mães todas as pessoas que a este acto assistiram.

Desde o dia 10 até ao dia 13 esteve entre nós o Rev.^o Franciscano Francisco Alves Crespo que veio em serviços da usual visita à Irmandade da Ordem Terceira.

A Liga dos Amigos desta Freguesia deliberou contemplar as obras da nossa igreja matriz, bem como as da capela do Senhor Santo Cristo, com mil escudos cada uma e concorrer com trezentos escudos para ajuda do custo do carro funerário para o Hospital da Misericórdia.

Além disto está muito empenhada em abrir uma casa, espécie de Filial, da Liga, nesta vila, satisfazendo desta forma o desejo de muitos dos novos filiados que tanto aspiram este melhoramento.

Deliberou ainda quotizar-se com uma verba mensal para ajuda da manutenção da Filarmónica local.

Só louvores merece tão prestimosa Instituição, da qual muitos e valiosos

benefícios há a esperar, não sendo de admitir que haja um só Vicentino que tenha relutância em ingressar nela, e sem demora.

Sim meus Amigos, tratemos todos de cumprir este dever, certos de que não nos arrependemos.

Também há dias veio até nós alguém do vizinho povo do Casal da Fraga — um dos 9 povos, o que mais perto fica da sede, de que esta freguesia é formada — a pedir os nossos bons ofícios junto do Sr. Presidente da Junta chamando a sua atenção para a necessidade que têm de uma fonte para abastecer aqueles 70 moradores que com a filharada devem prefazer 300 a 400 almas.

Com efeito o facto de só haver ali uma fonte, e de mergulho, que apenas conterà 1^{ma} ou pouco mais de água e que agora está em vistas de ficar associada com areia e outras impurezas arrastadas pelo pequeno regato ali existente, em cujo leito se encontra a dita fonte, está sendo motivo de sérias apreensões para toda aquela pobre gente.

Enham confiança meus Amigos e podem estar certos que o Sr. Presidente da Junta, a quem a boa vontade nunca falta, não é homem que deixe de interessar-se por esse momentoso assunto e se, como consta, há já um Amigo desse povo que franqueia uma nascente de boa água para o abastecimento dos seus moradores e se estes estão dispostos a ajudarem nos trabalhos necessários, só virá a faltar a canalização e, assim, bem nos parece que deve ser um caso resolvido.

Este povo do Casal é bem digno de ser atendido.

Passa todos os verões com grande sede e, até a Senhora Santa Bárbara, na sua capelinha que fica ao cimo do povo, tem quase sempre secas as flores nas jarrinhas que ornamentam o seu altar; e, desta forma é mais que certo que esta querida Santa há-de também agradecer e abençoar os que conseguirem dotar a sua gente com uma fonte condigna.

O Casal é atravessado em toda a sua extensão pela estrada n.º 352 e quando por ali adregamos de passar, principalmente na vinda dos lados do Fundão, sempre ali nos quedamos uns momentos a contemplar a vila de S. Vicente; e, é daqui que melhor se observa o seu cemitério — o campo de concentração dos que já se libertaram da vida, entre os quais se encontram os invólucros das almas dos nossos queridos mortos — cujo cemitério fica na encosta do lado de lá da ribeira, junto à estrada, todo alvinitente e com os seus cedros altivos...

Como porteiros gigantes
Dos pontos de exclamação!

como disse Bulhão Pato.

Gente são é a deste pequeno povo, e, a propósito diremos que ainda hoje choramos a perda de um velho e bom Amigo que ali tivemos e a quem Deus chamou para Si neste verão passado; atrevendo-nos a pedir aos assinantes da «Voz do Santuário» — dos quais fazem parte dois genros seus — o favor e a esmola de uma prece por sua alma.

E, voltando ao assunto da fonte, mais uma vez lembramos ao Sr. Presidente da Junta, e com esta vai o nosso pedido mais instante, para procurar acudir, o mais breve possível, a esta boa gente.

Casa da Cerca, 20-XII-1954.

JOSE LOURENÇO

TUDO PELA FREGUESIA do Piódão

Mais uma iniciativa em marcha

A Comissão de Melhoramentos da Freguesia do Piódão resolveu iniciar os trabalhos para a construção de um edifício no Piódão, o qual se destina a preencher uma lacuna que desde há longos anos se fazia sentir, para no mesmo serem instalados os serviços da Junta de Freguesia, Posto do Registo Civil, Posto Médico e Regedoria, sendo o segundo piso destinado a residência da professora.

Para esse fim já foi adquirido o terreno respectivo pela importância de 1.500\$00, onde está a ser construído o edifício.

É, na verdade, uma obra que muito vem valorizar a freguesia e, de certo, prestigiará a colectividade que se propõe levar a efeito tão útil melhoramento.

Contudo, para a sua completa execução é necessário, mais uma vez, que todos os piódenses auxiliem a agremiação, na medida das suas possibilidades, tendo-se em conta que para fazer face às despesas a Comissão apenas disponha, na altura em que adquiriu o terreno, um montante que pouco ia além de 15.000\$00, quantia essa proveniente da venda das cepas oferecidas pela maioria dos habitantes do Piódão e pelos Serviços Florestais a quem, mais uma vez, lhes testemunhamos o nosso profundo reconhecimento.

A construção do referido edifício era uma medida que se impunha. Por conseguinte, a obra há-de merecer, decerto, a atenção das entidades oficiais, de quem a colectividade espera o indispensável auxílio.

O auxílio a prestar, por todas as pessoas que o desejem fazer, pode ser em dias de trabalho sem remuneração, oferecimento de madeiras e em dinheiro, devendo dirigir-se para esse fim ao Rev.^o P.^o Ilídio Santos Portugal, grande arauto do progresso da freguesia, a Delogação da colectividade no Piódão ou a qualquer membro directivo da Comissão em Lisboa.

Como está demonstrado, a agremiação não descarta um só momento as necessidades dos povos que representa e procura todos os meios que possam contribuir para o progresso e desenvolvimento dos mesmos.

É certo que é a sua obrigação guiar os povos da freguesia para a obtenção desses objectivos e promover o seu progresso. No entanto, também é nosso dever colaborarmos com ela e prestarmos-lhe o nosso auxílio, procurando fortalecer-lhe, cada vez mais, os seus alicerces.

Os habitantes das povoações serranas devem ser encorajados e auxiliados a desempenhar toda a parte que lhes cabe na vida económica das suas terras e do País, de forma que a sua maneira de viver seja melhorada.

Por isso, é nossa obrigação apressar esse processo da melhor forma que nos seja possível, para que uma febre de progresso alicie as gentes piódenses.

(Lisboa, Novembro de 1954.

Antonino Lourenço Pacheco

O ESPELHO

Uma aluna do colégio pediu à mãe como prémio um espelho bom e bonito. A mãe mandou-lhe um lindo quadro de Nossa Senhora muito bem encaixilhado acompanhado destas palavras: «É este o teu espelho».

A pequena ficou muito impressionada com o presente. Tomou aquele quadro realmente como um espelho. Ajoelhava-se todas as noites diante dele e perguntava-lhe: «Minha mãe, estais contente comigo? Agradei-vos durante este dia?»

Todos nós devíamos fazer o mesmo: ter diante da nossa mesa um quadro de Nossa Senhora e perguntar-lhe algumas vezes sobretudo à noite: «Minha mãe do céu, estais contente comigo? Pareço-me convosco?»

Carreira de passageiros para Vale de Maceira

A «Voz do Santuário» no desejo de trabalhar e lutar pelo progresso e engrandecimento dos povos da região já várias vezes falou sobre a tão desejada e solicitada carreira para Vale de Maceira.

Várias Empresas teem vontade de fazer a dita carreira, ligando-nos «diariamente» à Ponte das Três Entradas ou às Vendas de Galizes.

Porém, nenhuma das Empresas interessadas pode dar um passo, visto que a preferência é da Empresa que faz a carreira para Aldeia das Dez.

Ora esta Empresa, depois de algumas demarches e tendo-se-lhe pedido a sua opinião sobre o que teria intenção de fazer, em carta particular de 10 de Novembro último dignou-se responder dizendo:

«Está na Direcção Geral de Transportes Terrestres, onde deu entrada no dia 2 de Setembro p. p. uma alteração dos horários da nossa carreira entre Aldeia das Dez e Táboa, afim de que tal carreira passe a ligar em Táboa com a carreira n.º 3, no sentido descendente, e no ascendente liga com a carreira que parte de Santa Comba Dão às 13 horas devendo chegar a Aldeia às 17 horas.

Uma vez aprovado tal horário, será apresentado na Direcção Geral de Transportes Terrestres um novo projecto requerendo a prolongação do trajecto a Vale de Maceira em continuação do horário e nos mesmos dias».

Ora bem, a alteração do horário já foi aprovada, e, de harmonia com essa alteração, a carreira já está a funcionar desde o dia 9 de Dezembro findo, chegando a Aldeia das Dez às 5 horas da tarde.

Resta, pois, que se peça, se ainda não foi pedido, o prolongamento da carreira até Vale de Maceira.

O horário agora adoptado parece ser melhor, tanto para os que veem de Lisboa, como para os que vão a Oliveira do Hospital, podendo aproveitar a carreira tanto na ida como na volta.

Uma vez a funcionar o prolongamento, chegaria a Vale de Maceira às 5,30 ou 6 horas, hora muito boa para os povos da serra.

Mas como «não há formosa sem senão», também aqui há um «senão» que muito sinceramente e lealmente desejamos apontar à Ex.^{ma} Direcção e Gerência: Se esta carreira vier a fazer-se, tanto no verão como no inverno, «só dois dias» por semana É MUITO POUCO. O anúncio publicado diz que se efectua às terças e quintas-feiras e como não diz mais nada, depreende-se que será sempre assim. Ora assim, não.

É possível que a Gerência tenha as suas razões para assim estabelecer, mas a verdade é que poucos poderão guardar para terça ou quinta, o que teem de fazer na sexta, ou sábado, ou segunda.

A ser assim, os passageiros escoam-se para outras carreiras, com manifesto prejuízo para esta,

que não poderá manter-se a não ser com grandes prejuízos.

Em conclusão, deseja-se que o prolongamento da carreira se faça para o Vale de Maceira quanto antes (teríamos muito prazer em saber se já foi pedido) e que a carreira se faça em mais dias e não apenas só dois dias por semana.

HORÁRIO DA CARREIRA ENTRE ALDEIA DAS DEZ E TÁBUA

Aldeia das Dez	6-55	
Oliveira do Hospital ...	7-52	7-57
Vila Nova de Oliveirinha	8-11	8-17
Tábuia	9	
Tábuia		14-30
Vila Nova de Oliveirinha	15-05	15-15
Oliveira do Hospital ...	15-30	16-00
Aldeia das Dez	17	

Efectua-se às terças e quintas-feiras

Esta carreira passa a dar ligação em Tábuia com a carreira Monte Frio-Santa Comba Dão (Gare), que nesta estação apanha o comboio ascendente n.º 1111 e o descendente n.º 1222.

Várias notícias

Na Virgínia, América do Norte, está a construir-se o maior navio de guerra do mundo. Mede 316 metros de comprimento, 76 de largura e tem a altura de uma casa de 25 andares. É formidável.

— Na Alemanha foi inaugurada uma ponte pensil, a maior da Europa, a qual tem 567 metros de comprimento, tem duas faixas de rolagem de 8 metros e 70 e duas pistas para ciclistas, de 2 metros e meio de largura.

— Um médico americano convenceu-se de que o mundo acabava no dia 21 de Dezembro, desfez-se dos seus bens e demitiu-se de professor dum Colégio onde leccionava. Já deve estar convencido de que o mundo ainda não acabou.

— Diz-se que em França trabalham 343 mil operários portugueses.

— No mês de Outubro, a Ilha da Madeira exportou mais de 19 mil quilos de bordados no valor de mil e seiscentos contos.

— No aeroporto de Nova Iorque explodiu um avião tendo morrido 25 pessoas.

— Pelas festas do Natal alguns milhares de crianças receberam do Governo e Juntas de Freguesia de Lisboa, brinquedos e roupas.

— Duzentos e dez mineiros estiveram 135 dias em greve a 300 metros de profundidade na mina de Ciavalota, na Sicília. Fizeram greve de braços caídos para trabalhar, mas certamente para comer não fizeram greve, porque senão os braços caíam de vez.

— Perto de Lisboa foram apreendidas grandes quantidades de mercadorias de contrabando e os implicados foram multados em 48 mil contos.

— Segundo informam de Estocolmo, durante o corrente ano houve ali 4 mil roubos de automóveis e 2 mil motocicletas. Ou por lá há muitos ladrões, ou a polícia não tem olho.

— Em Tóquio os ladrões roubaram uma casa de dois andares. Foi desmontada e marcharam com ela. O dono, passados dias, só encontrou o sítio.

S. Vicente da Beira

«cantando espalharei por toda a parte...»

A vila de S. Vicente
Quem não há-de gostar dela?
Basta ter o próprio Santo
No céu a pedir por ela.

Suas águas, suas fontes,
São de grande nomeada
Mais perguntem aos devotos
Da Senhora da Orada.

A grande Fonte da vila
Com dois canos a correr...
É esta a que a S. Vicente
Sempre lhe deu de beber.

E as de S. João de Brito,
Santo André e Santo António,
Só estas fontes, por si,
São um grande património.

Tanto Santo em seu favor,
E depois tem, além disto,
Um Supremo Protector
Que é o Senhor Santo Cristo.

E tem p'ros lados da serra,
Como uma Mãe venerada
— até pelos Lisboaetas —
Nossa Senhora da Orada.

A gente de S. Vicente
É muito laboriosa,
Pacata, afável e amiga
Da sua terra extremosa.

Lá por haver um ou dois
Que se esquivam aos contratos,
S. Vicente não tem culpa
De que estes sejam ingratos.

Porque era exigir demais
Em S. Vicente da Beira
Haver só trigo sem joio
E ter eira sem rabeira.

Tem sapateiros de nome,
Bons artistas, que em tal arte
De calçados e carteiras,
Não há melhor noutra parte.

S. Vicente tem, e os povos
Da sua Jurisdição,
Raparigas tão bonitas
Que são uma perfeição.

A sua rapaziada
É da pura flor mais fina,
É vê-la passar na rua
Com a sua concertina.

Seus produtos valiosos
Têm variado destino,
Fruta, cortiça, madeiras;
Seu azeite é do mais fino.

Ó terra de S. Vicente!
Tuas virtudes tais são,
Que poucas terras te igualem
E muitas te invejarão.

Quem disser que em S. Vicente
Existe gente ruim...
— meta a viola no saco —
Refira-se antes a mim.

Perdoai-me, S. Vicente,
Tudo quanto aqui cantei...
Se melhor e mais não disse
É porque melhor não sei.

Não sou teu filho, porque
Nasci sob outros beirais,
Mas sou-o pelo coração
Que te quero tanto ou mais.

Lá porque em S. Vicente
Não fui nado nem criado,
Espero, sinceramente,
De ser aqui sepultado.

Eis a razão de eu cantar,
Mesmo sem graça nem brilho,
A terra de S. Vicente
Que me acolheu como filho.

JOSÉ LOURENÇO

Atenção,

SENHORES ASSINANTES

Ao terminar o ano de 1954, temos de liquidar as contas com a tipografia, onde temos uma dívida de uns TRÊS MIL ESCUDOS.

Ora se é verdade que a maior parte dos nossos assinantes têm os seus pagamentos em dia, também é verdade que há muitos descuidados. Em parte a culpa é nossa, em virtude de não fazermos cobrança pelo correio.

Mas não queremos ir para esse caminho, pois que nos acarreta muito trabalho, e mais despesas. Continuamos a confiar na generosidade e pontualidade dos nossos prezados assinantes.

Enviem-nos as suas importâncias em carta ou vale. Uma notita de 20\$00 com facilidade se mete dentro de uma carta e cá chega sem novidade alguma.

Até hoje ainda não fizemos cobrança a ninguém. A notita de 20\$00 é chuva miudinha que com frequência tem caído sobre a nossa mesa de trabalho, e tem feito o milagre de fazer andar as rodas das máquinas e trazer à luz do dia, todos os meses, a «Voz do Santuário».

Senhores assinantes: a tipografia espera a liquidação da dívida; e nós esperamos confiadamente, ansiosamente... as vossas prezadas ordens.

Se deseja que o Santuário de Nossa Senhora das Preces cresça, floresça, se desenvolva e progrida, ajude-o com as suas esmolas e ofertas.

Aldeia das Dez

As obras do alargamento do largo do pelourinho estão já concluídas. As obras foram feitas pela Junta de Freguesia. É um melhoramento que se tornava necessário e que dá ao local um novo aspecto de beleza.

— No dia 15 de Janeiro realizou-se no lugar do Avelar a festa de Santo Amaro; no dia 17 a de Santo António e no dia 25 a de S. Paulo no lugar do Goulinho.

— O povo do lugar do Avelar, com a ajuda da Câmara, anda a construir uma estrada que o ligará à sede da freguesia. Oxalá que não esmoreçam e que levem a obra ao fim.

— Entrou em exercício a nova Junta que é constituída pelos senhores Serafim Marques Araujo, António Joaquim da Fonseca e Genésio Dias de Oliveira.

— No mês de Dezembro realizou-se na igreja paroquial o casamento de Mário João Luís com Madalena Dias, ambos do lugar da Gramaça. Que sejam muito felizes.

Condições de Assinatura por ano

A Voz do Santuário que se publicará uma vez por mês terá duas categorias de assinantes:

Simples assinantes	— 10\$00
Assinantes benfeitores	— 20\$00
Estrangeiro	— 20\$00